Outras faces do mesmo conflito:
mulheres angolanas e suas frentes de combate

HELENICE MOREIRA DIAS*

1. INTRODUÇÃO

Não há como negar que a mulher integrou uma *história da exclusão*[1], logo, "falar de Mulher na história significava, então, tentar reparar em parte essa exclusão, uma vez que procurar traços da presença feminina em um domínio sempre reservado aos homens era tarefa difícil" (SOIHET & PEDRO, 2007:281-282). A reflexão vai além, ao expor que:

> *Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria "homem". Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade. Mas, também, não eram todos os homens que estavam representados nesse termo: via de regra, era o homem branco ocidental. Tal se devia à modalidade de história que se praticava, herdeira do Iluminismo*. (SOIHET & PEDRO, 1999:284)

Infelizmente, a opressão das mulheres na historiografia e nas relações sociais se faz presente ainda hoje, mesmo com a mudança na tradição dos estudos históricos introduzida pelos *Annales*, que propôs a ampliação do leque de fontes e de temáticas. Ressalte-se que essa Escola e correntes historiográficas como a *história social inglesa*, contribuiram significativamente para o surgimento de tendências como a *História vista de baixo*, *História das Mulheres* e a *História Oral*, que avançaram expressivamente na construção de uma narrativa que buscou retirar do silêncio os diferentes atores e atrizes antes esquecidos pela *historia tradicional* (SOIHET & PEDRO, 1999:284).

O fato é que mesmo com os avanços proporcionados pelas novas tendências historiográficas, ainda há muito que caminhar na construção de narrativas que possibilitem uma correção ou complementação do registro do passado incompleto, viabilizando também uma reflexão crítica de como se opera o lugar de produção do saber, que tem se mostrado incoerente ao reprimir do discurso público diversos sujeitos da história (SALVATICI, 2005:41; SOIHET & PEDRO, 1999:291).

---

* Mestranda do Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[1]Conceito usado por Stella Martins Bresciani em seu texto de apresentação da Revista Brasileira de História, no número que ela organizou dedicado ao tema da Mulher, intitulado "A Mulher no espaço público" (v.9, n.18) de 1989.

Adentrando na história dos conflitos em Angola (1961 a 2002)[2], percebe-se a mesma exclusão pautada acima, visto que a maioria dos trabalhos que buscam compreender esse momento crucial da história desse país não se detêm às mulheres e seu papel de sujeito protagonista daquela história. Entretanto, existem alguns trabalhos que tentam retirar do silêncio a mulher angolana com sua experiência da guerra[3]. Mesmo assim, ainda há muito a ser estudado acerca de suas memórias nos conflitos. A citação abaixo é uma pista do que nos reserva tais memórias:

> *a coluna deveria ser bastante cuidadosa nas suas relações com a população, não contrariando as tradições populares,* ***evitando as relações sexuais com mulheres já pretendidas*** *e respeitando os chefes tradicionais. Os avisos parecem indicar que os comportamentos contrários eram possíveis por parte dos combatentes do MPLA.* (BITTENCOURT, 2002:439) (grifos meus)

Mesmo que este não tenha sido o foco e nem a intenção do autor, Bittencourt, na citação acima, baseia-se na hipótese de que os soldados não respeitavam a população local, contudo, ele não utiliza relatos da população local que pudessem afirmar o tipo de comportamento existente entre os guerrilheiros e a comunidade. Sendo assim, ao detectar tais instruções feitas aos guerrilheiros, o autor supõe que a partir do momento que houve a criação da regra é porque havia necessidade para tal, ou seja, conjectura-se que havia comportamentos por parte dos soldados de manterem relações sexuais com mulheres já pretendidas.

Pois bem, ao aprofundar-se na pesquisa, é possível encontrar registros na bibliografia sobre de tais questões. Por exemplo, o autor Silvio de Almeida Carvalho Filho, apresenta claramente a afirmativa de que havia denúncias de abusos das tropas:

> *Durante o conflito civil, as acusações de estupros são imputadas tanto às tropas da UNITA como aquelas ligadas ao MPLA. Savimbi, em 1976, por exemplo, ordenou a execução de dezessete soldados cubanos, aliados do MPLA, por um pelotão de fuzilaria composto somente por mulheres, acusando-os de terem violado 4 angolanas num pequeno povoado entre Huambo e Silva Porto. A escolha de um esquadrão exclusivamente feminino para a realização para tal tarefa deve ter sido simbólica: os reais ou supostos estupradores seriam penalizados pelo gênero contra o qual cometeram o ultraje.* (CARVALHO FILHO, 2000:13-14).

Porém, mesmo que o relato descrito acima contribua para compreensão do que ocorreu durante os conflitos, esta fonte será um material auxiliar a pesquisa, uma vez que o norte serão, especificamente, as narrativas das mulheres angolanas acerca do período. Ou seja, o trabalho se deterá nas recordações levantadas pelas nossas personagens, com o objetivo de ouvir suas narrativas, a fim de evidenciar quais são para aquelas atrizes os fatos que sobrepõem as suas memórias.

---

[2] Processo de Independência (1961 a 1975) e a Guerra Civil (1975 a 2002).
[3] Dentre eles destaco o seguinte livro: CHIZIANE & KASEMBE, 2008.

Sendo assim, irei começar fazendo uma apresentação da mulher na sociedade angolana e explicar minha metodologia de pesquisa, com exemplos. Em seguida, pretendo apresentar mais especificamente duas personagens e suas respectivas narrativas, com o intuito de me deter na análise específica dessas mulheres que elenquei como representativas daquela sociedade no período das guerras.

Como já dito anteriormente, este texto é apenas uma amostra de uma pesquisa que busca reavivar a memória das mulheres angolanas, sendo assim, a opção por trabalhar apenas com duas amostras dessas narrativas se fez com o objetivo de ser fiel a proposta do texto em questão, que prevê um limite de laudas.

2. O CASO DE ANGOLA

> *Irmã Angolana, inscreve-te na OMA porque se o fizeres colaborarás simultaneamente na luta pela independência de Angola e pela nossa emancipação!* (LARA, 2006:536)

Foi no contexto da luta pela independência de Angola (1961-1975) que surgiu a Organização das Mulheres Angolanas (OMA). Criada em 1961, a OMA nasceu como uma ala feminina do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), com o objetivo de organizar as mulheres para a luta de libertação nacional. Segundo seu estatuto, a entidade compõe-se como uma "organização social constituída pelas africanas nascidas em Angola sem distinção de raça, crença religiosa, ideais políticos, lugar de domicílio e estado civil" (CDIH, 2008:208).

O grupo elenca como uma de suas principais metas a corroboração na luta para a emancipação do povo angolano do jugo colonial português, sempre agregada à luta pela emancipação da mulher: "A nossa Organização propõe-se lutar ao lado dos nossos irmãos pela liquidação em Angola do domínio colonial português e pelo estabelecimento duma sociedade em que a Mulher Angolana esteja em posição de igualdade na vida da nação". (LARA, 2006:536).

Partindo do pressuposto de que tal organização arquitetou como bandeiras – o fim do colonialismo e a emancipação da mulher –, o objetivo deste trabalho é analisar a história dos longos 41 anos[4] de luta em Angola, evidenciando o caminho percorrido pelas mulheres, de modo a ressaltar suas demandas específicas, seus passos, suas estratégias, suas derrotas e vitórias.

[4] Somando-se os anos da luta pela Independência (1961 a 1975) e da Guerra Civil (1975 a 2002)

A partir do conhecimento da referida organização, surgem várias indagações acerca da participação feminina nos conflitos, sobre a vida cotidiana dessas mulheres e suas reivindicações. É justamente pela escassez de respostas para tais questões que busco, no presente estudo, realizar uma pesquisa que coloque a memória da mulher angolana no centro da análise.

Existem diversos estudos e publicações acerca do período analisado (1961-2002). Porém, essas pesquisas quase sempre não privilegiam a participação das mulheres, restringindo-se as citações da ação feminina no conflito. O caso específico do trabalho de Marcelo Bittencourt, cuja tese de doutorado se propõe a seguir a trajetória do MPLA, apenas menciona a existência da ala feminina do movimento, quando utiliza relatos de mulheres da OMA para discutir a movimentação dos guerrilheiros durante o conflito. (BITTENCOURT, 2002:366).

Partindo da análise de que nem todas as mulheres angolanas se organizaram na OMA, este estudo visa resgatar tanto a memória daquelas que vivenciaram o período organizadas na frente de combate, como é o caso de Deolinda Rodrigues, quanto as que vivenciaram o período sem estar associadas a nenhuma organização política, como é o caso de Faustina Luciano.

Dessa forma, Deolinda Rodrigues e Faustina Luciano constituem-se em claras amostras, uma vez que estão imbuídas das mesmas problemáticas que as mulheres angolanas vivenciavam naquele período. Sendo assim, busco destacar através dessas personagens quais são, segundo Alessandro Portelli, os *campos de possibilidades compartilhadas*. De acordo com tal conceito, no cruzamento da história oral e das memórias, há um complexo horizonte de possibilidades, uma vez que, ao relatar sua experiência de vida, o indivíduo apresenta os fatos que sabe ou imagina que possa ter sucedido. Assim, tem-se um espaço de subjetividade socialmente compartilhada, em que é "o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de sua subjetividade socialmente compartilhada" (PORTELLI, 1996:7-8).

Deolinda Rodrigues, uma das lideranças do MPLA que veio a compor a OMA. Tornou-se mártir da luta pela independência em Angola após a sua morte em 1967, quando junto com mais quatro guerrilheiras, foi capturada pelo grupo adversário FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). As circunstâncias da morte de Deolinda nunca foram esclarecidas. Ficou conhecida nacionalmente por sua batalha contra o colonialismo português

e possui uma longa trajetória a ser estudada, incluindo um período da vida em que morou no Brasil[5].

O fato de Deolinda ser uma liderança no MPLA facilita o encontro com seus documentos. Um exemplo está no livro de Limbania Jiménez Rodríguez, editado em Cuba, que contém citações importantes que mostram abertamente seu posicionamento.

> *Concuerdo en que "el momento actual no es de estudios, mas si de lucha". Esta es la hora de sacrifícios personales y colectivos; es la hora de altruimo para los que están dentro y fuera de Angola, dentro y fuera de África y la hora de vivir el amor que todos nosotros sentimos por nuestra pátria. La verdad actual es: o restauramos la dignidad humana en Angola, o desaparecemos todos porque nadie puede viver indiferente a las condicione tan inhumanas que nos desafían en Angola (...) ¿ cómo es que vamos a responder um dia a nuestros hijos cuando nos pergunten por qué a nuestro país durante cinco siglos se le dejó permanecer bajo el yugo asesino de Portugal y cuál fue nuestra participación para cambiar tales condiciones?* (RODRÍGUEZ, 1985:20).

Faustina Luciano representa as mulheres que, apesar de não irem para o *front* de batalha, combatiam de forma cotidiana na sociedade que estavam inseridas, numa guerra velada. Assim como outras mulheres, ela narrou suas memórias de vida, destacando as marcas deixadas pela guerra:

> *No tempo de guerra, nós mulheres não podíamos vir muito cedo à praça, porque no caminho os homens nos violentavam, tanto os civis como militares, você não podia fazer nada, guerra não tem lei, não tens para onde se queixar* (CHIZIANE & KASEMBE, 2008:84).

Dessa forma, percebo que nossas personagens possuem trajetórias bastante distintas, o que contribui para a pluralidade da narrativa em questão. Almejo, portanto, tecer uma narrativa com experiências díspares, a fim de estabelecer uma visão mais ampla do que a mulher angolana vivenciou naquele período. Considerando a análise encontrada no trabalho *Muitas memórias, outras histórias* (FENELON, et alii, 2004), a memória é um campo de luta social entre os diferentes sujeitos históricos. Nas palavras das autoras:

> *como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, na qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais.* (FENELON, et alii, 2004:6).

Sendo assim, faz-se necessário tornar *esse espaço de luta* aberto para aqueles sujeitos excluídos e dissidentes. Portanto, espera-se abarcar mulheres de diferentes setores daquela sociedade, de modo a reavivar lembranças e narrativas que foram abandonadas pela escrita oficial, obtendo um cenário dos desafios enfrentados pela mulher de Angola.

---

[5] Seus nomes eram: Irene Cohen, Engrácia dos Santos, Teresa Afonso e Lucrécia Paim. As cinco integravam o esquadrão denominado *Kamy*. (CDIH, 2008:44-45)

A seguir, irei apresentar o caso especifico de duas personagens que foram elencadas para presente análise. Espero, a partir de suas narrativas, conseguir explanar suas especificidades, traçar as marcar que sobrepõem suas lembranças e, ainda, contribuir na tentativa de reparar a exclusão feita na historiografia acerca da participação da mulher como sujeito histórico.

3. MULHERES ANGOLANAS

Sem dúvida, há um avanço nos estudos no que diz respeito à atuação da mulher como sujeito histórico, tal avanço também é constatado nos estudos acerca da sociedade angolana. O que antes poderia parecer inaceitável, hoje faz parte dos novos estudos.

Nesse sentido, vale a pena destacar o estudo de Júlio Sebastião Fernandes de Carvalho, militar das Forças Armadas Angolanas (FAA), herói da batalha do Cuíto Cuanavale[6], que elabora uma monografia de licenciatura em Direito, intitulada: *Mulher-soldado, no ordenamento jurídico angolano.* Sem adentrar na discusão acerca do rigor acadêmico da obra e seus pormemores, já detecto que tal estudo se consolida como algo inovador, uma vez que se trata de um brigadeiro da reserva que revela, a partir de uma vivência militar, a discriminação sobre a qual a mulher angolana foi submetida. O autor expõe a exclusão das mulheres durante os Acordos de Paz, afirmando que:

> *a mulher foi a grande ausente da participação nas negociações formais [...] Dos vários acordos produzidos, não se tem memória de que combatentes femininas fossem enquadradas no seio das Forças Armadas ou que tenham recebido qualquer subsídio* (CARVALHO, 2009:29).

O fato é que, hoje, são mais frequentes os estudos sobre a mulher angolana, porém ainda há muito que avançar para atingirmos um número satisfatório de pesquisas que deem conta de tantas singularidades a serem trabalhadas. Optei por apresentar dois depoimentos que expressam singularidades bastante distintas, tal distanciamento entre as experiências de vida das depoentes foi exposto propositalmente, com o objetivo de contribuir com uma visão mais plural e menos uniforme daquelas mulheres e suas díspares estratégias de sobrevivência.

O primeiro depoimento foi retirado do já mencionado livro organizado por Paulina Chiziane e Dya Kasembe, intitulado *O livro da paz da mulher angolana – As heroínas sem nome*, que constituí um belo projeto que visa prestar uma "homenagem a todas as mulheres angolanas, que tombaram durante as guerras de Angola e àquelas que, apesar do sofrimento de que foram vítimas, continuaram a sorrir numa Angola de paz, (...)". Cabe

[6] Cf: PAREDES, 2010.

destacar que tal projeto busca fazer das mulheres angolanas Autoras. Dessa forma, o livro se compõe como uma compilação com oitenta narrativas, tal metodologia consiste numa forma de contribuir para que tais *heroínas da paz* não permanecessem no silêncio.

O depoimento que elegi expressa claramente a opressão vivida pelas mulheres no campo militar. Optei por transcrevê-lo sem cortes, uma vez que apresenta uma rica e inquietante narrativa do início ao fim:

> ***Com a paz, encorajo as mulheres contra a discriminação dentro das forças armadas***
>
> *Quando eu tinha 7 anos, o meu pai quis matricular-me numa missão, a fim de estudar, mas quando lhe disseram o preço que daria para pagar pelo internato achou ser um desperdício gastar muito dinheiro para uma menina estudar, pois segundo o pensamento da época, a mulher não precisava estudar. O meu pai preferiu que eu fosse trabalhar para um casal de brancos, como criada. Este casal entendeu matricular-me numa escola depois de notar que era inteligente e poderia servir melhor, se soubesse ler e escrever correctamente.*
>
> *Frequentei a Escola de Instrução Militar durante seis meses onde terminei com a melhor classificação. Os meus colegas, menos qualificados que eu, foram patenteados, menos eu, que era mulher. Quando regressei à minha unidade, fui promovida para membro do Estado-Maior, como chefe das relações públicas e orientadora de círculos de estudos de uma das Instituições Militares da 5ª Região.*
>
> *Consumi minha vida de arma na mão, ao lado de homens, mas o meu esforço não foi reconhecido. Muitos colegas menos competentes do que eu foram promovidos e patenteados só por serem homens e hoje vivem bem. Fui discriminada na família. Na sociedade. Nas fileiras onde dediquei a minha juventude e toda a minha melhor energia. A discriminação existe em todo o lado, mas é no exército que se faz sentir com maior intensidade. O mundo das armas foi sempre o santuário dos homens. Eles defendem-no. Até parece que têm medo que as mulheres penetrem.*
>
> *Com a paz, encorajo a todas as mulheres a engajarem-se na defesa dos direitos da mulher, dentro das forças armadas. Chega de sofrer... as mulheres não são inúteis, pelo contrário, sem elas a sociedade não seria o que é!*
>
> (CHIZIANE & KASEMBE, 2008: 111-112; LOPES, 2010:121).

Impossível não perceber as questões alarmantes, que foram expostas abertamente no decorrer da narrativa. Sem dúvida, a primeira delas se refere ao campo militar como sendo um *"santuário dos homens"*, afirmativa que encontra ecos em diversos trabalhos, inclusive no de Júlio Carvalho (2009:25), que tendo uma visão pessoal enaltecedora sobre a participação das mulheres no exercito, afirmava que "era um orgulho ver a mulher, fardada com rigor militar, a cumprir as mais diversas missões, mesmo as mais arriscadas, em igualdade com os homens". Mesmo assim, ele apresenta as falhas dentro dessa instituição ao excluir as mesmas das discussões dos Acordos de Paz, como já mencionado anteriormente.

Elenquei especificamente a narrativa desta guerrilheira, por acreditar que a mesma expõe claramente a idéia de que o exército se apresenta como um dos espaços que se constituí

como *frente de combate* para as mulheres angolanas. Afinal, tal instituição apresenta inúmeros questionamentos e posicionamentos acerca da igualdade da mulher perante os homens, uma vez que apesar de estarem adentrando num espaço reservado aos homens, elas sofriam com a marca da subordinação. Um exemplo dessa marca é quando se detecta que hierarquicamente havia diferenças entre homens e mulheres, a partir do momento que apenas os seus companheiros foram promovidos e patenteados no fim do processo de paz, o que a própria citação comprova.

O segundo aspecto que merece atenção é o início da narrativa, quando a depoente fala sobre a questão escolar para as mulheres, ao afirmar que, de acordo com o pensamento da época, a mulher não precisava estudar, tocando mais uma vez numa questão central no que refere à subordinação da mulher angolana. Outros autores já se detiveram nessa problemática tão alarmante na sociedade angolana. Lopes, por exemplo, apresenta uma reflexão crucial ao detectar que mesmo quando a barreira do preconceito é vencida e a mulher consegue alcançar a sala de aula, ela enfrenta problemas mesmo dentro da escola, com o "assédio dos professores às alunas", o que de acordo com a análise do autor também contribui com a interrupção no anseio das mulheres que buscam na educação uma forma de "singrar na vida e conquistar mais espaço" (LOPES, 2010:124).

Passando para a análise de uma outra *frente de combate*, irei apresentar o testemunho de mais uma mulher. Destaco, desde já, que a realidade que se apresenta é completamente diferente. Iremos passar da análise do *mundo das armas* para uma análise do mundo civil. Na verdade, vamos além, ao adentrar no universo familiar e nos depararmos com o testemunho de uma mãe que narra as estratégias de que ela disponha para proteger os seus filhos do mesmo *mundo das armas*, que outrora se apresentava como uma *frente de combate* e que agora se faz como um espaço de sofrimento.

> *Antigamente, os homens todos iam para a guerra, os meninos eram retirados à força de casa. Mas eu fui esperta com meus filhos: desde pequenos, sempre os levava no médico. Queixava-me de uma dor no peito, uma vista que enxerga mal, uma perna que dói, de uma saúde que era fraca. Pegava as receitas e guardava todas, mas não dava os remédios, eles sempre tiveram saúde. Com aquelas receitas, enganava o exército, pensava que meus filhos tinham saúde fraca. Por isso, nunca foram chamados* (PONTES, 2005:18-19).

O depoimento acima relata uma experiência bastante singular, revelando a manobra desempenhada por uma mãe para livrar seus filhos do exército, por isso achei muito pertinente apresentá-la. Porém, existem passagens e narrativas que se referem a situações mais comuns sobre o cotidiano civil das mulheres. Como exemplo, posso citar as diferentes estratégias utilizadas pelas mulheres para não sofrerem assédio sexual por parte dos militares.

Silvio de Almeida Carvalho Filho ao falar das vendedoras que se deparavam com o aumento das atitudes autoritárias e violentas do Estado, apresenta uma das estratégias por elas utilizadas "para fazer frente a tal estratégia, a mulher do povo, que não tem muito a quem recorrer, articula a sua tática, agradando a polícia com alguma "gasosa", afim de lhes comprar os "bons olhos" e de não as molestarem" (CARVALHO FILHO, 2000:7), considerando que gasosa é uma espécie de propina que elas pagavam para não serem abusadas, está se apresenta como uma, das várias estratégias utilizadas com o objetivo de fugir do assédio sexual.

4. CONCLUSÃO

Sem dúvida, seria impossível apresentar todas as diversas estratégias utilizadas pelas mulheres angolanas. Muito menos, há de minha parte a ingenuidade de acreditar que seria possível esgotar tal temática, pois o que se busca aqui é apenas apresentar uma amostra desse cenário tão complexo. O fato é que, cada história de vida de cada mulher angolana irá conter diversas estratégias utilizadas a todo instante por essas mulheres, a fim de driblarem as fortes consequências da guerra.

A importância em reavivar tais estratégias está no fato de que ao adentrar no universo feminino se compreende uma visão dos conflitos até então, pouco ou nada explorada. Um exemplo bem sucedido é o livro intitulado *As mulheres de Ravensbruck*, publicado em 1980, que apresenta quatro entrevistas autobiográficas de mulheres que foram deportadas em virtude de sua orientação política durante a II Guerra Mundial. O volume se detém na memória dessas mulheres, evidenciando o significado dos campos de concentração a partir do olhar feminino[7].

A publicação se torna um exemplo a ser seguido; afinal, consegue expor experiências específicas das mulheres, trazendo à tona um olhar ainda não explorado, que passa a ser enxergado graças ao encontro da *História Oral* com a *História das Mulheres*. Silvia Salvatici considera que tal publicação traz relatos que possibilitam um novo olhar acerca da "perseguição específica sofrida por mulheres durante a ocupação militar nazi-

[7] "De mais a mais, o que constituiu a experiência mais devastadora para as mulheres foi enfrentar a maternidade num campo de concentração. No início, digamos entre 1942 a 1943, quando se tornava evidente a gravidez de uma mulher, ela era morta antes do nascimento do bebê. Depois, a regra foi alterada: a mãe podia dar à luz o seu filho e continuar trabalhando, enquanto o bebê não tinha direito de viver, ele era morto por meio de injeções venenosas, ou afogado num tanque d'água, em seguida, ser queimado num forno. Caso tivesse o filho em segredo, a mãe era forçada - como forma de castigo - a matar, ela mesma, sua filha ou filho". (SALVATICI, 2005:35-36)

fascista da Itália. Ou seja, as vozes de sobrevivente trouxeram à luz a violência e abusos baseados em gênero". (SALVATICI, 2005:35)

Sendo assim, acredito que ao adentrar no universo da mulher, assim como no exemplo citado, irá se atingir uma parte da história ainda não contada, afinal tais narrativas só serão identificadas, se os pesquisadores lançarem mão dessa nova perspectiva histórica, que implicará num novo olhar sob a mulher e suas vivências.

Reitero que através de estudos sobre as estratégias de sobrevivência das mulheres no período da Independência e Guerra Civil, pretendo acompanhar a participação ativa da mulher na história angolana, seja através das armas ou do cotidiano civil, de modo a exemplificar como é necessário dar voz às mulheres angolanas, negligenciadas por boa parte dos pesquisadores, para que desta forma a pesquisa enriqueça a perspectiva de gênero na historiografia.

Finalmente, existem lacunas a serem preenchidas acerca da participação ativa da mulher durante os conflitos angolano, o presente estudo busca dar uma pequena contribuição para a construção de um campo de saber mais comprometido com uma parcela dos sujeitos históricos que foram negligenciados pela *história tradicional*, de modo a cumprir com o papel do historiador de:

> *justamente tentar "desnaturalizar" as construções da memória oficial, desconfiar das narrativas triunfantes e conciliadoras e buscar revelar, mesmo que à custa de algum mal-estar, as redes de poder, as relações de imposição, os processos e ocultamento e com isso trazer à tona toda a dimensão política dos processos de construção e divulgação das memórias sociais.* (ARAÚJO & FERNANDES, 2006:29)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Paula & FERNANDES, Tânia Maria. O Diálogo da História Oral com a historiografia contemporânea. In: VISCARDI, Cláudia M. R. & DELGADO, Lucília (org.). **História Oral**: teoria, educação e sociedade**.** Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.

BITTENCOURT, Marcelo. **Estamos juntos!** O MPLA e a Luta Anticolonial (1961-1974). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do grau de Doutor na área de concentração de História Social. Niterói: UFF, 2002.

CARVALHO, Júlio Sebastião Fernandes de. **Mulher-Soldado no Ordenamento Jurídico Angolano**, Editora Chá de Caxinde, Luanda, 2009.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Angola: vivências femininas de uma guerra sem fim. In: **I Simpósio Internacional**: O Desafio da Diferença. Salvador: UFBA, GT-3, 2000.

CDIH - Centro de Documentação e Investigação Histórica do MPLA. **História do MPLA**. (Vol. I 1940-1966). Luanda: 2008.

_____. **História do MPLA**. (Vol. II 1967-1976). Luanda: 2008.

CHIZIANE, Paulina & KASEMBE, Dya. (Org.) **O livro da paz da mulher angolana** – As heroínas sem nome. Editorial Nzila, 2008. (Coleção Memórias, 6).

FENELON, Déa; CRUZ, Heloísa; PEIXOTO, Maria do Rosário. Introdução – muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de & KHOURY, Yara Aun (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. Olho d'água. Maio 2004.

LARA, Lúcio. **Documentos e Comentários para a História do MPLA**, até fev. de 1961. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1999.

_____. **Um amplo movimento...** Itinerário do MPLA através de documentos de Lúcio Lara (Vol. II – 1961-1962). Luanda, Angola: 2006.

_____. **Um amplo movimento...** Itinerário do MPLA através de documentos de Lúcio Lara (Vol. III – 1963-1964). Luanda, Angola: 2008.

LOPES, Claudio Bartolomeu. Violência das armas, violência no gênero: campo fértil das desigualdades. In: **Revista Katál**. Florianópolis v. 13, n. 1, p. 119-125, jan./jun., 2010.

PAREDES, Margarida. "Pode um homem angolano, militar das forças armadas, herói da batalha do Cuito Cuanavale, ser feminista?" In: **Buala**: cultura contemporânea africana. 2010. Disponível em: http://www.buala.org/pt/a-ler/pode-um-homem-angolano-militar-das-forcas-armadas-heroi-da-batalha-do-cuito-cuanavale-ser-femi.

PONTES, Juliana Borges. **Filhos da Guerra.** Histórias da vida em Angola. Trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: **Tempo**, vol. 1, n. 2. 1996.

RODRÍGUEZ, Limbania Jiménez. **Heroinas de Angola.** Havana, Cuba, Editorial de Ciências Sociales, 1985.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. In: **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 29-42, jan.-jun., 2005.

SANTOS, Antonia de Lourdes dos. **Angolanos em São Paulo**: socialização, rede familiar e suas histórias de vida e de luta. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia. USP/FFLCH. São Paulo, 2005.

SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27, nº 54, p. 281-300, 2007.